

## “É a vez dos novos, agora”: uma carta de Rocha Madahil a António Cruz\*

**Luís Cabral**

Eram os anos do pós-guerra, em que alguns alimentavam um certo desejo de mudança também na ordem da Cultura, como de resto em toda a sociedade portuguesa. António Augusto Ferreira da Cruz (1911-1989) tinha há pouco (1947) sido nomeado diretor da principal biblioteca pública portuguesa, a Biblioteca Pública Municipal do Porto. Logo no ano seguinte é convidado a visitar diversas bibliotecas nos EUA. Desse périplo resultou o relatório *As Bibliotecas Americanas*. Porto, 1949.

É precisamente numa pequena pasta que se guarda no arquivo histórico da BPMP que vamos encontrar um conjunto de cartões, cartas e recortes que constituem uma memória complementar dessa viagem de estudo. Das mensagens de agradecimento é uma carta de António Gomes da Rocha Madahil (1893-1969) a que apresenta o conteúdo mais interessante. De facto, contém uma sucinta e realista apreciação do estado geral das nossas bibliotecas (e arquivos) em meados do século XX.

O Autor, depois de se afirmar como estando a par da literatura da especialidade demonstra algum azedume ou pessimismo face à situação vigente, passando a comentar os seguintes pontos:

- O leitor é referido como “essa entidade a que em Portugal se não liga importância alguma”.
- Constata um desinteresse dos governantes face a toda esta problemática: “os nossos governantes não têm a menor noção dos problemas que a tal respeito existem”.
- Sobre a qualidade e a oportunidade da publicação diz: “o seu relatório é precioso e vem na hora própria”.
- Faz referência ao Grupo da Biblioteca Nacional, citando os nomes de Raul Proença e António Joaquim Anselmo.
- Sublinha o “desinteresse do público”, associado ao “ambiente oficial, nenhum”, o que não ajuda à solução dos problemas.
- Recomenda uma ampla distribuição do relatório especialmente aos políticos: “mande-o aos Deputados e a todos os Ministros”.
- Por último, chama a atenção para a necessidade de existir uma revista da especialidade (reportando-se aos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, uma espécie de saudade de um sonho, um projeto perdido, como tantos outros).

---

\* Sobre ANTÓNIO CRUZ podem, entre outros, ver-se: EIRAS, Ermelinda – Professor Doutor António Cruz: notas para a sua biografia. *Bibliotheca Portucalensis*. Porto. Série 2. 4 (1989) 7-16, e CABRAL, Luís – António Cruz, *Director da Biblioteca Pública Municipal do Porto: breve memória*. Trofa, 2011 (no prelo). Sobre ROCHA MADAHIL são de consultar os espólios existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Museu de Aveiro.

Em poucas palavras, diríamos existir, do ponto de vista de Rocha Madahil, uma atmosfera de um certo entusiasmo pessoal perdido ou até mesmo de algum desencanto geracional. No entanto, o autor da carta confessa não lhe faltarem forças para esperar mudança do entusiasmo de quem começava. Tudo se passaria, naturalmente, no quadro do sistema socio cultural vigente e a mudança esperada ocorreria através da introdução de ideias e técnicas inovadoras e progressivas face ao que “lá fora” (já não era só a Europa) se fazia em matéria de bibliotecas.

9. III.49

Meu prezado Amigo:

Gostei muito de ler o seu relatório; não porque me desse novidades, confesso, mas porque reconheço a necessidade, cada vez mais imperiosa, de introduzir no nosso sistema bibliotecário o conjunto de medidas que o seu livro preconiza, e, acima de tudo ainda, o espírito de respeito e de dedicação por essa entidade a que em Portugal se não liga importância alguma, e que é – o Leitor.

Se eu, que acompanho, há mais de 20 anos, a bibliografia estrangeira da especialidade, conheço o que lá fora se faz em matéria de biblioteconomia e de arquivoeconomia, a generalidade dos nossos compatriotas não o sabe, e os nossos governantes não têm a menor noção dos problemas que a tal respeito existem. É por isso que o seu relatório é precioso e vem na hora própria.

O desinteresse do público, extinto o entusiasmo, infelizmente sem sequência, criado pelo grupo de Raul Proença e de António Anselmo, é absoluto; e a vida mesquinha, de profunda ignorância, que se leva nas nossas bibliotecas e arquivos, é o que o meu Amigo e eu sabemos.

Ambiente oficial, nenhum.

E preciso voltar ao princípio, criar tudo de novo.

Distribua largamente o seu livro; mande-o aos Deputados e a todos os Ministros; e implante quanto antes na sua Biblioteca um conjunto de reformas que sirva de exemplo e de lição viva a todo o País.

E não esqueça, para já, um boletim da especialidade, mas sem historicismos nem literatices à mistura, que é o nosso grande mal; técnica e bibliografia. Mais nada. O público também gosta de coisas sérias. Sou do tempo em que os Anais das Bibliotecas e Arquivos apareceram; não faz ideia do entusiasmo que se espalhou!

Hoje caíram na miséria que vê ... e não têm quem os leia.

Estou cansado de trabalhar, e Deus sabe em que condições! É a vez dos novos agora. Mas nunca me faltará entusiasmo para aplaudir trabalhos como o seu relatório e actividades como a que fico aguardando se lhe seguirá para bem de todos nós, os devotos do livro!

Abraça-o muito gratamente o seu Amigo e Admirador convicto, que o felicita,

Rocha Madahil

Esta carta, datada de 9 de março de 1949, está escrita em papel timbrado de *Terras do Mondego: revista trimestral de História, Tradições, Arte e Arqueologia, Etnografia e Regionalismo*, que Rocha Madahil dirigia.

Num quadro de certo pessimismo, mas com alguma energia, dizia Madahil: “É preciso voltar ao princípio, criar tudo de novo” ou, como escolhemos para título, “É a vez dos novos, agora”. Por nós, pensamos que é importante estudar este período mais recente da História das nossas bibliotecas, e mesmo também dos nossos arquivos, museus e outros serviços culturais. O aparecimento e a divulgação de documentos como esta carta de Rocha Madahil a António Cruz – de um profissional a outro – constituem, sem dúvida, significativos contributos nesse sentido.

No caso do Porto, para se analisar tudo o que de continuidade e de inovação houve em meados do século XX, deixamos a algum ou alguns desses novos, que queira tomar agora a sua vez, um bom ponto de partida. Trata-se do guia *Actividades Culturais*, editado pela Câmara Municipal do Porto, em 1951. Era esse o tempo de António Cruz na direção Biblioteca Pública Municipal do Porto e o de Artur de Magalhães Basto na Repartição dos Serviços Sociais e Culturais da Câmara Municipal do Porto, época em que o Município estendia a sua ação cultural e social a áreas muito diversificadas como a BPMP (por sinal, a maior biblioteca portuguesa sob tutela municipal), o Gabinete de História da Cidade, num contexto em que a especialidade dos Estudos Portuenses se encontrava em processo de franco desenvolvimento, uma intervenção decisiva na área da Música, não só através do seu envolvimento direto no Conservatório de Música do Porto, como sobretudo com a recém-fundada Orquestra Sinfónica do Porto...

\*\*\*

Antes de terminar, direi também do gosto que tenho em ver esta carta publicada em *Páginas a&b*, hoje quase a única publicação periódica da especialidade (a outra, como se sabe, é a cinquentenária revista *Cadernos BAD*).

*Páginas a&b*, fundada em 1997 por Luísa Cabral, é hoje dirigida por Fernanda Ribeiro. Este título tem prosseguido, com uma regularidade e qualidade que, no nosso contexto, são exemplares. Por isso, uma saudação às duas colegas aqui fica – a Luísa Cabral, pelo contributo fundamental que deu para o desenvolvimento da nossa Biblioteca Nacional e também do conjunto das outras bibliotecas portuguesas; a Fernanda Ribeiro, pelo esforço que tem feito na árdua tarefa de formar novas gerações de profissionais nesta importante área da Ciência da Informação.

Luís Cabral | [luisborgescabral@gmail.com](mailto:luisborgescabral@gmail.com)

Câmara Municipal do Porto

Terras do Mondego

Coimbra

Revista trimestral de História,  
Tradições, Arte e Arqueologia,  
Etnografia e Regionalismo

9. III. 49

Meu prezado Amigo:

Gostei mt. de ler o seu relatório; não porque me desse novidades, confesso, mas porque reconheço a necessidade, cada vez mais imperiosa, de introduzir no nosso sistema bibliotecário o conjunto de medidas que o seu livro preconiza, e, acima de tudo ainda, o espírito de respeito e de dedicação por essa entidade a que em Portugal se não liga importância alguma, e que é — o leitor.

Se eu, que a acompanho, há mais de 20 anos, a bibliografia estrangeira da especialidade, conheço o que lá fora se faz em matéria de biblioteconomia e de arquivos e economia, a generalidade dos nossos compatriotas não o sabe, e os nossos governantes não têm a menor noção dos problemas que a tal respeito existem. É por isso que o seu relatório é precioso e vem na hora própria.

O desinteresse do público, extinto o entusiasmo, infelizmente sem recuperação, criado pelo grupo de Raul Proença e de António Anselmo, é absoluto; e a vida mesquinha, de profunda igno-

de todos vob's, os  
develos do livro:  
Afrax - o sub?  
gratualmente,  
seu Grupo e  
alguns comités,  
que o felicita,  
Rochakundalind

rância, que se leva nas nossas bibliotecas e arquivos,  
é o que o meu Grupo e eu sabemos.  
Ambiente oficial, nenhum.  
É preciso voltar ao princípio, criar tudo de novo.  
Distribua largamente o seu livro; mande-o aos  
deputados e a todos os Ministros; e implante  
quanto antes na sua Biblioteca um conjunto de  
reformas que sirva de exemplo e de lição viva  
a todo o País.

É não esquecer, para já, um boletim da espe-  
cialidade, mas sem historicismos nem lene-  
raticos à mistura, que é o nosso grande mal.  
Técnica e bibliografia. Mais nada. O público  
também gosta de coisas sérias. Sou do tempo em  
que os Anais das Bibl. e Arquivos apareceram;  
não faz ideia do entusiasmo que se espalhou!  
Hoje, caíram na miséria que vê ... e não têm  
quem os leia.

Estou cansado de trabalhar, e Deus sabe em  
que condições! É a vez dos novos agora. Mas  
nunca me faltará entusiasmo para aplaudir  
trabalho, como o seu relatório e actividades, como  
a que fico aguardando se me seguirá para bem